

Crianças da beira-mar viveram o fantástico ciclo da uva madura

"Ali, ali menino, colha aquele cachinho, olhe que boniteza!" e o cacho, reluzindo ao sol, acariciado pelas mãos da criança, cai, inerte, no cesto vindimo. Pergunta o menino ao velho quanto sabido homem do Douro: "Posso levar um cacho para os meus pais?"

Inapagável da memória da petizada de Matosinhos, do Externato António Nobre, o dia de vindima em duas quintas do Alto Douro. Chegaram de manhã, caminharam em fila encosta abaixo, alegres, felizes. Para trás, o betão armado, DVD e PlayStation. Calcorreiam xisto, embrenham-se entre as vinhas, respiram os ares balsâmicos do Douro. Amam a natureza, vê-se.

Respeitando a tradição, o pequeno-almoço, servido em tijelas, meteu batatas cozidas com bacalhau

Estão famintos dela, presente-se.

Na Quinta dos Penedos, Régua, na Quinta da Senhora da Graça, em S. João de Lobrigos, as crianças, dos seis aos nove anos, vivem as sensações da vindima, dão-se à fala com a roga, perguntam como se chama aquela almofadinha artesanal que os homens trazem sobre o cacho para suavizar o peso dos cestos. Um deles: "Chama-se trouxa."

Depois, um pequeno almoço nada urbano, antes em respeito à tradição: batatas cozidas com bacalhau em tijelas de vindima. Como se não bastasse, um familiar abei-



DN/Humberto Pereira

SEIVA. Feliz, a petizada da cidade foi às vindimas, viveu sensações que as tecnologias não podem oferecer

ra-se desta roga tão peculiar levando um cesto com figos, uvas de mesa e rebuçadinhos da Régua, aqueles em tom de mel, rijos, saborosos, que em outros tempos já foram embrulhados em papel casca de cebola.

Directora do externato, Irene Lopes, radiante, fala da prioridade da educação, isto é, "a observação". Julieta Canotilho, durante 40 anos professora e proprietária de uma das quintas, aponta a adega para

onde os "vindimadores" se dirigem para ouvir, em linguagem apropriada às idades, a fase do tratamento do vinho, seiva da terra.

Ainda com a cidade da Régua ao fundo e o rio a seus pés, os alunos encarrapitam-se no jipe, rrrrôrrrôrrrô, rumo à Quinta da Senhora da Graça. Fica localizada em sítio alto para a propriedade de José Manuel Lopes, amante do Douro, eterno apaixonado por aquele horizonte rasgado que se avista da sua

casa, as serras do Marão, Alvão e Meadas. Lavam-se as mãos, mata-se a sede e, de novo, a surpresa. Nada de pizzas, tão-pouco hambúrgueres ou comeres afins. Da cozinha para a sala, o almoço típico da vindima, preparado em potes de três pés, ao brando lume da lareira: massa com feijão e carne.

De regresso a casa, à beira-mar, os alunos visitaram, na Régua, a exposição "Jardins Suspensos". Mesmo a calhar.



DN/Humberto Pereira

JARDINS SUSPENSOS. Grande aderência à iniciativa do Museu do Douro

Escolas sentem cores e cheiros

De aplaudir a iniciativa do Serviço Educativo do Museu do Douro. Pelo segundo ano consecutivo, organiza visitas de estudo com a temática da vindima, tendo por objectivo proporcionar aos jovens estudantes do litoral o contacto com o extraordinário trabalho da Roga do Douro.

Privilegia-se, assim, a participação de escolas dos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico, abrindo também inscrições individuais a crianças com mais de seis anos, desde que autorizadas pelos pais. A "Roga do Serviço Educativo do Museu do Douro" conta, nesta edição, com cerca de 200 crianças. É o reflexo da aderência das escolas, conforme contou Marisa Adegas, do Museu do Douro: "Pretendemos que os jovens sintam as cores e os cheiros da vindima, que tenham a noção deste trabalho secular."

É que não basta ler Manuel Mendes, João de Araújo Correia, Torga, Redol, Trindade Coelho, Domingos Monteiro, António Cabral, entre outros autores, para se viver

a atmosfera do Douro, a odisséia de gerações que ali enterraram esperanças a troco de cédulas.

Dal ser igualmente importante a visita ao Armazém 43, na Régua, onde decorre a exposição "Jardins Suspensos". Naquele espaço, as crianças de Matosinhos puderam viajar na História, conhecer alfaias agrícolas, usos e costumes. Os barcos rabelos de fundo chato e vela quadrada nos cachões, valesiras, refervedouros. O Cachão da Valeira onde morreu o barão de Forrester, autor do Mapa do País Vinhateiro, o rio selvagem e agora de "sucessivos e longos espelhos de água", escreveu Eugénio de Andrade.

De forma acessível, a mostra conta a vitivinicultura desde o período romano, descreve a vivência nos 250 mil hectares de vinha, em mais de uma centena de castas. Os marcos pombalinos, a filoxera, as belas colheitas, o solo, o árduo labor de erguer socacos, agora patamares com taludes e a vinha ao alto. "Jardins Suspensos", com espinhos de permeio.